

PERDIGÃO, Maria Madalena Biscaia Azeredo

Figueira da Foz, 1923 - Lisboa, 1989

“Vamos correr riscos, vamos cometer erros. Vamos permitir que outros corram riscos e cometam erros. Vamos ser um fórum aberto para a discussão dos problemas da cultura”, declara Maria Madalena de Azeredo Perdigão [MMAP] a 17 de Maio de 1984.

Esta cena, momento fundador do Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte (ACARTE), último projecto em que esteve envolvida, passa-se no recém-inaugurado Centro de Arte Moderna (CAM) da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), em Lisboa, na prática, o primeiro Museu de Arte Moderna do país, perante a assistência de jornalistas, artistas e funcionários. Para a ocasião é convocada a imprensa, em especial os recém-criados suplementos culturais. O discurso é proferido no plural e Madalena Perdigão fala em nome de um serviço que se constitui simultaneamente enquanto lugar de enunciação, espaço físico e entidade promotora, assente numa posição ético-estética (ACARTE, 1984). O tom é a um só tempo programático, de declaração de princípios e de manifesto. Alguns anos mais tarde, a este texto justapor-se-ão as adendas “Porquê” e “Para Quê”, nas quais acrescentará que se “tornava necessário assegurar ao CAM a possibilidade de ser não apenas um Museu na acepção restrita do termo mas também um centro de cultura”.

Pensado como um centro de arte e não como um museu, o CAM incluía uma sala polivalente, um anfiteatro ao ar livre, uma sala de exposições temporárias e um pavilhão para crianças.

Com “Projecto Almada Negreiros” na Gulbenkian

Serviço de Animação e Educação pela Arte inicia as suas actividades

«Vamos armar um espaço vivo, em que se passa de uma exposição a um espectáculo de teatro ou de dança, em que se assiste a um concerto e se fica para a projecção de um filme ou para a leitura de um poema, em que se participa num espectáculo em que tudo isso acontece», afirmou ontem Maria Madalena de Azeredo Perdigão em conferência de imprensa para apresentação do programa, objectivos e projectos do Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, de que foi recentemente nomeada directora.

Depois de considerar «que a Arte é essencial à vida» e um «factor» de aproximação entre os homens e de paz, «e que todos lhe devem ter acesso» - nas suas múltiplas formas -, Madalena de Azeredo Perdigão sublinhou a intenção de «concretizar» estabelecer um contacto estreito com o público que «apreciamos» crítico e não apenas consumidor, desajudado que o serviço que dirige seja «um fórum aberto para discussão do problema da cultura».

Rejeitando «conceitos estranhos de nacionalismo estéril» e «preconceitos quanto a géneros artísticos, nam quanto à forma de expressão» consideradas mais ou menos «menores», Madalena de Azeredo Perdigão enunciou as realidades que no domínio do Teatro Dança, Cinema, Música, Literatura, Artes Plásticas e Arquitectura, Vídeo, Fotografia, Mímica, Círculo e Marionetas, serão levadas a cabo nos próximos tempos.

Produções próprias, promoção de jovens autores, apresentação de pequenas companhias e a colaboração com companhias de grupos portugueses são alguns dos vectores essenciais no domínio das realizações teatrais.

No campo da Dança, estão previstas apresentações de séries de espectáculos por grupos de dança portugueses, sessões de trabalho com personalidades estrangeiras e portuguesas, apresentação de pequenas companhias ou grupos de dança estrangeiros de vanguarda e produções próprias, no caso de projectos multidisciplinares.

Na área do Cinema, Madalena de Azeredo Perdigão referiu-se à apresentação de filmes de arte, organização de sessões para crianças e de filmes de animação, organização de ciclos, desligadamente do Neovisismo Cinema, e um projecto de formação de realizadores de filmes de animação em colaboração com o Royal College of Art, de Londres.

Concertos informais à hora de almoço foram a iniciativa de contemporânea, bandas e música popular no Anfiteatro de ar livre e a promoção de jovens compositores, são algumas das áreas a desenvolver no campo da Música, que integra uma exposição, proferida em sessões de exposições «audió-visuais» e espectáculos «audió-visuais».

O «Projecto Almada Negreiros» por seu turno, para além da exposição já referida, vai ser desenvolvido em espectáculos de teatro, com a estreia das peças «Almada «Deseja-se Mulher» e «Antes de Começar», um espectáculo multimedia com «Almada, um nome de guerra», de Ernesto de Sousa, e um colóquio sobre Almada Negreiros, de 9 a 12 de Outubro do corrente ano.

Simultaneamente, José Sommer Fibero, director do Centro de Arte Moderna, que já foi visitado por mais de cem mil pessoas desde que há meses do ano foi inaugurado, introduziu o programa de actividades do Museu com «actividades específicas de conservação, estudo, investigação e exposição das suas colecções», e do Departamento de Documentação e Pesquisa, impregnado em estudo sobre a arte e a cultura portuguesa do período entre 1930-1950, pesquisa sobre o grafismo e a ilustração dos anos 20-30, pesquisa sobre a pintura e escultura «modernista» da «segunda geração» (anos 20-30) e pesquisa sobre arquitectura «modernista» do período 1915-1940.

A exposição sobre Almada Negreiros visa interpor este programa, de modo a poder proceder-se a uma pesquisa bibliográfica sobre Almada, com vista à edição de uma obra com a colaboração gráfica deste artista, à realização de um diorama sobre a vida e obra do pintor, a edição de um jornal da exposição, um álbum com reprodução de 12 desenhos do pintor e a elaboração de um catálogo que documente exaustivamente a obra do mestre.



FIG. 1 Conferência de Imprensa ACARTE. *Diário de Lisboa* (19-05-1984). Arquivo Fundação Calouste Gulbenkian ©

A actividade que tinha lugar “para lá das galerias” do museu era da responsabilidade do Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte (ACARTE). Várias temporalidades parecem coexistir: a promessa realizada de uma vontade de ter um museu de arte moderna, vinda já das décadas de 1950/1960; o alojamento num espaço arquitectónico característico da década de 1970 e a inauguração do CAM na década de 1980; albergar no seu interior um serviço, o ACARTE, em sintonia com os esforços de criação de uma “Europa da Cultura” da década de 1990; e que se poderia entender como prefigurando a viragem curatorial em direcção ao discursivo e ao performativo que tem lugar já nos anos 2000.

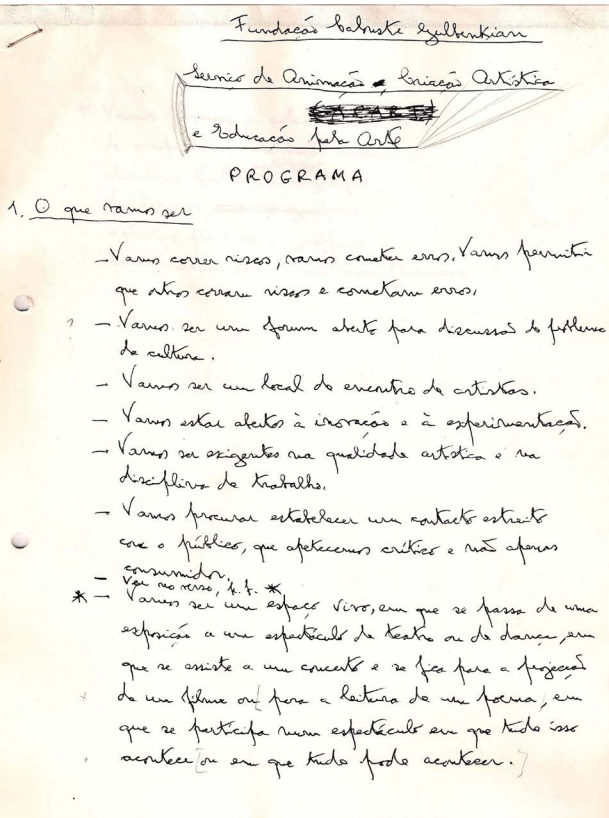


FIG. 2 Programa manuscrito. Arquivo Fundação Calouste Gulbenkian ©

O ACARTE pode igualmente entender-se como o culminar de duas décadas de investigação em Educação pela Arte e Educação Artística, pois a sua fundadora e primeira directora, Madalena Biscaia de Azeredo Perdigão, não apenas criou a Orquestra, o Coro e o Ballet Gulbenkian, como foi responsável pela reforma do Conservatório, em 1971, e por um projecto falhado de reestruturação do Ensino Artístico Nacional, em 1978. Uma história intrincada liga assim as experiências em Educação pela Arte levadas a cabo na Gulbenkian antes da Revolução de Abril, a reforma da Escola do Conservatório Nacional, a falhada reestruturação do Ensino Artístico Nacional e o regresso de Madalena Perdigão à Fundação Calouste Gulbenkian em 1984. Neste

sentido, a actividade do ACARTE na década de 1980 continua as experimentações pedagógicas da década de 1960. Mas não apenas: esta actividade pode também ser entendida no cruzamento entre uma série de práticas de curadoria e programação. Ao pautar a sua acção por uma “atenção à falta”, o ACARTE terá desenvolvido uma forma particular de albergar propostas estéticas e políticas geralmente atribuídas a períodos distintos, abrindo-se às diferentes percepções que os contemporâneos teriam do seu momento histórico. Torna-se, como tal, um caso de estudo exemplar no que diz respeito a modernidades descentradas.

Em 1989, numa altura em que a sociologia da cultura começava a dar os primeiros passos no país, discutia-se no colóquio *Operações do Gosto* se a actuação do ACARTE, como a de outras instituições, como a Casa de Serralves, a cooperativa *Árvore* ou o *Ar.Co*, “ao longo dos seus cinco anos de existência, modificou ou não o gosto dos portugueses”. Em Dezembro de 2003, este Serviço seria definitivamente extinto, por determinação do Conselho de Administração da FCG, que considerou que “todo um programa inicial relacionado com práticas artísticas performativas” tinha sido desenvolvido, que “as mesmas tinham alterado o panorama nacional destas mesmas práticas, que tinha sido um modelo adoptado e desenvolvido por outras instituições, um pouco por todo o país” (Fundação Calouste Gulbenkian, 2007: 382). Catorze anos separam as duas citações: se na primeira se trata de uma reflexão interna feita em modo de pergunta, já a segunda tem que ver com uma avaliação externa em modo de afirmação. Nas duas se trata de avaliar retrospectivamente a importância do ACARTE, último projecto em que Madalena Perdigão se envolveu e estrutura que asseguraria ao CAM a possibilidade de ser não apenas um museu, mas um centro de cultura.

E, de facto, este era composto pelo Museu de Arte Moderna e pelo ACARTE, que “operava



FIG. 3 Casal Azeredo Perdigão. Arquivo Fundação Calouste Gulbenkian ©

para lá das galerias do Museu”, dependendo directamente do Conselho de Administração, e por via do qual se assegurava “a total independência entre a política de aquisição de obras de arte [levada a cabo pelo CAM] e a política de realização de actividades culturais [levada a cabo pelo ACARTE]” (Fundação Calouste Gulbenkian, 2007: 370). O ACARTE dispunha de um espaço próprio, com 3800 m², onde se destacava, para além de uma cafetaria/restaurante, a galeria de exposições temporárias e o auditório polivalente, com bancada retráctil para 112 lugares, em torno do qual se implementavam ateliês e estúdios de animação para a criação “em residência”. O centro articulava-se ainda

com os mais de 1 000 lugares do auditório ao ar livre, entretanto alterado e integrado no novo complexo do CAM. Será a partir deste lugar que programará, produzirá e acolherá trabalhos muito distintos, pertencentes a vários géneros, respondendo frequentemente tanto a solicitações externas como à vontade e necessidade de continuar eventos anteriores. Muito perto do final da sua vida, Madalena Perdigão dirá que a actividade do ACARTE se encontraria, em grande parte, estabilizada:

“ENCONTROS ACARTE – NOVO TEATRO/DANÇA DA EUROPA em Setembro; JAZZ, no mês de Agosto; BANDAS DE MÚSICA NO ANFITEATRO em Agosto/Setembro; DANÇA NO ANFITEATRO AO AR LIVRE, em Julho; Duas temporadas de DANÇA CONTEMPORÂNEA por ano (normalmente em Maio e Novembro); TEATRO por artistas portugueses (duas vezes por ano, uma das quais em Outubro); CONCERTOS À HORA DO ALMOÇO, em Maio/Junho e «nos intervalos» Projectos Multidisciplinares, Performances, espectáculos de Marionetas, espectáculos de Cinema para Crianças, apresentação de Vídeos, etc.” (Branco, 1989).

Mas uma análise detalhada da programação torna visível a sua importância numa série de campos muito distintos, dos debates e discussão de ideias e grandes temas à música experimental, da literatura à fotografia, isto para além do papel incontornável na dança e nas artes performativas. Ao pautar a sua programação por aquilo a que propusemos chamar uma “curadoria da falta” (Bigotte Vieira, 2016), ou melhor, uma “curadoria das faltas” (porque muitas e específicas consoante os casos), Madalena Perdigão inaugura com o seu programa-manifesto um espaço que, mais do que estar ocupado com a sua própria identidade, se abre ao que “faz falta”, deixando-se marcar por esta abertura e marcando com ela uma época.

BIBLIOGRAFIA

- BIGOTTE VIEIRA, Ana. 2016. *NO ALEPH, para um olhar sobre o Serviço ACARTE da Fundação Calouste Gulbenkian 1984-1989*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- BRANCO, João de Freitas. 1989. "Entrevista: Madalena Perdigão." *São Carlos*, 9. Lisboa: 17-26.
- TEIXEIRA, Élia. 2014. *Arte e Educação: O percurso de Madalena Perdigão e a sua relevância no panorama cultural Português*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- PERDIGÃO, Madalena. 1984. *Programa do Serviço ACARTE*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- PINTO RIBEIRO, António. 2007. "Arte." *Fundação Calouste Gulbenkian Cinquenta Anos 1956-200*. BARRETO, António (Coord.). Vol. I: 237-408. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

[A.B.V.]

ANA BIGOTTE VIEIRA Faz parte da equipa de programação do Teatro do Bairro Alto, sob direcção artística de Francisco Frazão, como programadora de discurso. Licenciou-se em História Moderna e Contemporânea (ISCTE). Especializou-se nas áreas da Cultura e Filosofia Contemporâneas (FCSH-UNL), e em Estudos de Teatro (UL). A sua tese de Doutoramento, *NO ALEPH, para um olhar sobre o Serviço ACARTE da Fundação Calouste Gulbenkian entre 1984 e 1989*, recebeu uma Menção Honrosa em História Contemporânea pela Fundação Mário Soares. É fundadora de baldio – Estudos de Performance e dramaturgista. Integra a Associação BUALA. Traduziu vários autores, sobretudo de teatro e filosofia, como Pirandello, Agamben e o Lazzarato. Presentemente desenvolve com o coreógrafo João dos Santos Martins um projecto de historicização colectiva da dança em Portugal, intitulado *Para uma timeline a haver*, participando também no grupo coordenado pela Professora Maria João Brilhante, que levará a cabo uma primeira indexação do espólio do teatro da Cornucópia.